

Cultura, arte e seu ensino na América Latina: com encontros, caminhando e tirando reisado

Maria das Vitórias Negreiros do Amaral 

(Universidade Federal de Pernambuco – UFPE / Grupo de Estudos e Pesquisas
em Arte/Educação Borrando Fronteiras – GEPABOF, Recife/PE, Brasil)

RESUMO – Cultura, arte e seu ensino na América Latina: com encontros, caminhando e tirando reisado – Falar sobre culturas, artes e seu ensino na América Latina traz consigo uma enorme complexidade graças à forma como fomos colonizados e como lutamos para preservar nossas tradições e ancestrais. Os ibéricos espanhóis e portugueses, grandes navegadores do século XVI, subverteram simbolicamente a vida dos povos que aqui estiveram, após o Tratado de Tordesilhas, para alcançar o culturacídio, ou seja, a morte das culturas indígenas, com os seus rituais, tradições, espiritualidades, mas enfrentou resistência dessas pessoas. A violência continua contra os povos indígenas, contra as mulheres, contra os diferentes, é uma violência atrás da outra e tudo isso se reflete nas obras dos artistas. Porém, para pensar o contracolonialismo, termo utilizado por Nêgo Bispo, devemos levar em consideração uma arte/educação feminista, com mais autoras brasileiras e latino-americanas e inclusivas para basear nossas pesquisas. O que podemos fazer? Que arte/ educação contracolonial é esta?

PALAVRAS- CHAVE

Arte/educação contra-colonial. Resistência. Metodologias feministas. Trajeto de vida e arte pela América Latina.

ABSTRACT – Culture, art and its teaching in Latin America: with meetings, walking and taking reisado – Approaching cultures, arts and their teaching in Latin America involves complexity due to the way we were colonized and how we fought to preserve our traditions and ancestors. The Spanish and Portuguese Iberians, great navigators of the 16th century, symbolically subverted the lives of the people who lived here through the Treaty of Tordesillas. Nevertheless, when imposing their cultural ideology and trying to kill indigenous cultures, with their rituals, traditions and spiritualities, they faced resistance from native people. Successive acts of violence against indigenous communities, against women, and against those who are different; reflect on the works of artists. To think about countercolonialism, a term used by Nêgo Bispo, we must take into account feminist art/education, with more Brazilian and Latin American and inclusive authors to base our research on, raising the questions: What can we do? What is this countercolonial art/education?

KEYWORDS

Countercolonial art/education. Resistance. Feminist methodologies. Life and art journey through Latin America.

RESUMEN – Cultura, arte y su enseñanza en América Latina: con encuentros, paseos y reisados – Hablar de culturas, artes y de su enseñanza en América Latina trae consigo una enorme complejidad gracias a cómo fuimos colonizados y cómo luchamos por preservar nuestras tradiciones y ascendencias. Los iberos españoles y portugueses, grandes navegantes del siglo XVI, subvirtieron simbólicamente la vida de los pueblos que aquí se encontraban, tras el Tratado de Tordesillas. Sin embargo, al tratar de llevar a cabo el culturacidio, es decir, la muerte de las culturas indígenas, con sus rituales, tradiciones y espiritualidades, se enfrentaron con la resistencia de estas personas. La violencia continúa contra los pueblos indígenas, contra las mujeres, contra los diferentes, son formas de violencia sucesivas y todo eso se refleja en las obras de los artistas. Para pensar en el contracolonialismo, término utilizado por Nêgo Bispo, debemos tomar en consideración un arte/educación feminista, con más autores brasileños y latinoamericanos e inclusivos para fundamentar nuestra investigación: ¿Qué estamos haciendo? ¿Qué podemos hacer? ¿Qué arte/educación contracolonial es ésta?

PALABRAS CLAVE

Arte/educación contracolonial. Resistencia. Metodologías feministas. Viaje de vida y arte por América Latina.

Toda tradução é um ato de interpretação; os tradutores interpretam um texto já interpretado a fim de interpretá-lo ainda mais (Dennis Tedlock)

Este texto, que inicio com uma epígrafe de Josely Vianna Baptista referenciando “Dennis Tedlock, autor de uma das mais celebradas versões do *Popol Vuh*” (2019, p.7), trazida na introdução e traduzida pela autora, é uma interpretação que faço, uma analogia com a minha vivência durante o pós doutorado realizado no período entre 03 de fevereiro de 2023 a 31 de março de 2024, passando por seis países da América Latina: Colômbia, Guatemala, Equador, Peru, Chile e Argentina, indo à Ciudad del México à Marcha Mundial das Mulheres (08 de março de 2023) e a um congresso da RIIR (Red Iberoamericana de Imaginarios y Representaciones) em La Paz, Bolívia, de 30 de¹ maio a 5 junho de 2023, onde estive com comunidades andinas e entrevistei artistas/ docentes. Tento trazer para a escrita, imagens que me marcaram em uma travessia de mim mesma pela América Latina. Interpretando essas imagens, pelos lugares que passei e nunca antes vivenciados, encontrei pessoas que, em sua maioria, estiveram pela primeira vez comigo, que pode ser considerado um trajeto iniciático. A partir disso, deixo, então, a interpretação livre de cada leitora e cada leitor para que sintam, percebam e reflitam sobre os meus escritos cobertos de emoções; os meus encontros e desencontros, os meus aprendizados, a minha vida em renovação para um ensino da arte e um outro olhar para o mundo, guiados pelos sentidos.

Tratando de olhar o mundo, a pesquisa e a academia de uma outra forma, faço aqui uma homenagem ao Mestre Nêgo Bispo, Antonio Bispo dos Santos, que faleceu em 03 de dezembro de 2023, dias antes da minha apresentação, no Encontro Internacional de Arte/Educação: Grupo de Pesquisa enREDE, que² ocorreu no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP, entre os dias 2 a 6 de dezembro de 2023, e que resultou neste texto, o qual apresentei naquele momento.

Figura 1 – Antonio Bispo dos Santos



Fonte: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-antonio-bispo-dos-santos>. Acesso em 06 dez. 2023.

Nêgo Bispo, quilombola que teoriza a partir do contra-colonialismo, termo que usa para discutir sobre a colonização, as pessoas colonizadas e os conhecimentos adquiridos dessa relação. Um pensamento anti hegemônico, Nêgo Bispo que é do Piauí, podemos dizer que é externo ao eixo hegemônico Rio de Janeiro - São Paulo, trata dos conhecimentos como confluências e diz que o grande problema atualmente é a mercantilização dos saberes. Para ele, a primeira confluência foi cosmológica quando o povo foi trazido da África para o Brasil e se entendeu com os povos daqui existentes, por meio das plantas, do vento, das águas, que sem falarem a mesma língua, comunicam-se pela linguagem cosmológica; a segunda foi pela Constituição, quando se transformou o Direito colonialista para ser usado em nossa defesa; e a última grande confluência está ocorrendo agora, pois as grandes teorias estão sendo substituídas pelas cosmologias politeístas, afro diaspórica, afro indígenas, afro quilombolas, a partir delas, e agora, essas cosmologias estão dando o tom ao mundo, o qual será muito melhor a partir dessa confluência cosmológica. (Nêgo Bispo, "Vida, memória, aprendizado quilombola", Itaú Cultural, do dia 15 de março de 2021³).

Com esses aprendizados, pensemos uma outra confluência para o ensino de arte, considerando uma arte/educação feminista, numa visão mais democrática, mais afro diaspórica, uma aproximação com os povos latinoamericanos, indígenas, afros, com um conhecimento que tenha mais autoras, autores brasileiras/os e latino americanas/latino americanos, um ensino-aprendizagem inclusivo para fundamentar as nossas pesquisas.

E, assim, o trajeto de arte, educação e vida começou...

Não pensei que seria assim... enquanto a pesquisa se desenhava, o meu corpo se modificava... a aprendizagem se fazia, meus pensamentos e minha vida se transformavam...

Hoje, sinto-me como uma outra pessoa, não me reconheço como antes. Seria como a *Abya Yala*, a terra em sua plena maturidade? É assim que “Desde la década de 1980, los movimientos indígenas se refieren cada vez más a las Américas como Abya Yala, así, promulgan un lugar indígena de expresión cultural y política para descolonizar las ontologías y epistemologías”, segundo Muyolema, citada por Manuela Lavinas Picq, professora de Ciência Política e Estudos de Mulheres franco-brasileira, que vive em Quito, em seu livro “Soberanías Vernáculas: las mujeres indígenas desafían la política global”. (2023, p. 25) E a minha experiência, durante este ano de 2023, trouxe-me essa mudança de olhar o mundo, fui contaminada pelas/pelos indígenas equatorianas/os, guatemaltecas e peruanas/os nestes meus recorridos. E, elas e eles ao alimentarem a terra, ao alimentarem os antepassados, nutrem a nossa capacidade de compreender que somos natureza.

Com outra cosmovisão, a partir do Hemisfério Sul, suleando epistemologicamente o pensamento, parafraseando Paulo Freire, vamos transformando a leitura de mundi. Uma cosmovisão que surge das lutas que estão “desde abajo”, àquelas conectadas com o “pensamento autónomo” e o “pensamento

da Terra”, – a autonomia, a comunidade e a territorialidade são três pontos fundamentais para os quais chama atenção Arturo Escobar (2017, p. 57-58):

desde las últimas dos décadas han estado emergiendo como grandes fuentes de producción crítica: aquella vertiente que surge de las luchas y pensamientos ‘desde abajo’, y aquellas que están sintonizadas con las dinámicas de la Tierra. A estas vertientes las llamaremos ‘pensamiento autonómico’ y ‘pensamiento de la Tierra’, respectivamente. (El País, 17 de enero de 2016).

A arte, principalmente na produção de tecidos e objetos culturais do cotidiano, as narrativas míticas, as práticas econômicas e culturais dos locais percorridos, as lutas territoriais e por defesa da Pachamama, são movimentos em uma dimensão em que as comunidades compreendem a importância para a existência humana (Escobar, 2017). São ações de uma cultura que não estão ligadas aos movimentos ambientalistas e nem à ecologia, mas à existência da vida,

su conexión indisoluble con la Tierra y con todos los seres vivos. Más que en conocimientos teóricos, esta dimensión se encuentra elocuentemente expresada en el arte (tejidos), los mitos, las prácticas económicas y culturales del lugar, y las luchas territoriales y por la defensa de la Pachamama. Esto no hace menos importante, sino quizás más, para la crucial tarea de todo pensamiento crítico en la coyuntura actual, a la cual nos referimos como la ‘reconstitución de mundos’ (Escobar in Walsh, 2023, p. 58).

Nessa experiência de pós-doutorado, a minha relação com a Terra, com a natureza foi mudando a partir do momento que vivenciei, nos países e com os povos desses países, a valorização dessas relações, muitas vezes sem nem terem consciência do que estão fazendo.

Un análisis de la coyuntura regional y planetaria y de cómo esta se refleja en los debates teórico-políticos del continente nos lleva a postular las siguientes hipótesis. Primero, que el pensamiento crítico latinoamericano no está en crisis, sino en efervescencia. Segundo, que los conocimientos de los pueblos en movimiento, de las comunidades en resistencia y de muchos movimientos sociales están en la avanzada del pensamiento para las transiciones, y cobran una relevancia inusitada para la reconstitución de mundos ante las graves crisis ecológicas y sociales que enfrentamos, más aún que los conocimientos de expertos, las instituciones y la academia. (Aclaro que esto no quiere decir que estos últimos sean inútiles, sino que ya son claramente insuficientes para generar las preguntas y pautas para enfrentar las crisis) (Escobar, El país, 17 de enero de 2016).

Portanto, é necessário refletirmos sobre que academia é essa em que estamos inseridas/os/es? Professores/professoras aos poucos estão se integrando a este pensamento num movimento de fora para dentro, isto é, das comunidades para a universidade, mas ainda não corresponde às nossas inquietações diante do mundo, da arte e do seu ensino, em uma sociedade colonizada e ocidentalizada. Essa sociedade que é, também, patriarcal, branca e masculina vai em caminhos contrários a esse pensamento. Enquanto as lutas das mulheres se fortalecem, mais ocorrem feminicídios.

A partir dessas contradições, que são inerentes ao ser humano, eu fui buscando as brechas para relacionar o ensinar e aprender artes visuais às comunidades indígenas, quilombolas, LGBTQIAPN+⁴, e assim fui tecendo esta pesquisa que, em tão pouco tempo me revelou como estamos necessitando abrir os olhos para uma nova perspectiva, de ensino e aprendizagem, de vida, de relações conectadas com as naturezas. Podemos dizer que é “Como uma luz que se apaga, Mais como uma luz que se acende, Nestes últimos dias tinha sentido alguma diferença na vista”, como diz Saramago (2020, p. 9), em seu livro “O Ensaio sobre a cegueira”, a luz de uma consciência que nos cega, que nos transforma e faz com que vejamos de forma diferente, a luz que se apaga quando se acende.

E com essa luminosidade em meus olhos, no meu olhar, fui me transformando fortemente na vida profissional e pessoal, percebendo o quanto as mulheres, professoras e artistas em todas as comunidades sejam indígenas, andinas, crioulas ou mestiças, fazem de sua arte resistência de vida. Com massacres políticos, violências de gênero e sismos da terra provocando grandes terremotos e mortes; arte, educação e vida vão se aliando para se manterem como esperança de um mundo melhor, sem a separação de seres humanos e natureza.

Todo está vivo,
Y la vida tiene que hacerse cargo de su entorno y evolucionar con él.
Nosotros somos el medio ambiente.
Naturaleza y política no se pueden dividir.
Estamos aquí,
No hay planeta B.

Las fronteras son artificiales,
Ni el viento ni el mar las conocen.
Nuestros sueños de liberación nos enfrentan unos a otros.
Pasión de abolición.
Ecocidio
Ecotóxico
Económico
Ecos de un mundo sin nosotros.
Sólo somos apocalípticos con la esperanza de estar equivocados.
(‘El Pueblo que falta’, de Cristina Lucas, Catálogo Colección Bial de Cuenca 1987-2022, 2022, p. 140).

Para corresponder a uma pesquisa que se desenha na relação ser humano natureza na América Latina, as metodologias não poderiam vir de um pensamento eurocêntrico e ocidentalizado. E foi nas comunidades quilombolas e indígenas de onde retirei as concepções e terminologias para as metodologias da pesquisa. A partir dos *Encontros*, do *Tirar Reisado* e do *Caminhar*, fui cartografando algo junto com as minhas companheiras e companheiros de investigação, cartografando outras formas de aprender e ensinar.

Chamo de *Metodologia do Encontro* a ideia das minhas escolhas, além das rotas percorridas pela América do Sul e Guatemala, e de professoras e professores que me receberam e me guiaram com segurança nessa busca. Com os afetos e o acolhimento de amigas e amigos que eu antes conhecia, mas não havia uma relação aprofundada na afetividade e que se tornaram mais próximos, fomos afetada/os uns pelos outros, nas chegadas e nas partidas, com sorrisos e lágrimas. Considerando o período pós-pandêmico em que não nos encontrávamos corpo a corpo, foi fundamental para a minha pesquisa esse movimento para o encontro de outras/outros/outres. E a cartografia dos afetos foi se ampliando. Essas professoras e professores, necessariamente, não trabalham com gênero, com artes ou com artes visuais. E, por causa disso, muitas vezes tive dúvidas e me perguntava: será que fiz a escolha certa? Será que não deveria ter procurado professoras arte/educadoras apenas? feministas? que estudam o tema da minha pesquisa? Poderia ter sido, mas isso não iria garantir uma pesquisa com significado para mim e o que percebi é que essas pessoas se tornaram meu porto seguro em muitas ocasiões de dificuldades políticas e enfrentamento de violências

em seus países. Respondendo à pergunta que me fiz se havia escolha certa, compreendi que não, não existe escolha certa. Essa/es amigas/amigos/amigues me guiaram e isso foi o que me fez estar em um lugar de segurança e de tranquilidade para seguir pesquisando. Para o nosso poeta/cantante Gilberto Gil, que fala sobre o encontro em uma entrevista ao canal de comunicação GNT: "os encontros com pessoas são uma reumanização permanente que o humano, o outro provoca em você, que dá esse sentimento do amor incondicional, como se coloca isso em prática, [...] isso é a renovação" (Gilberto Gil). Os encontros com os/as professores/as tutores/as me guiaram os caminhos, levaram-me às pesquisadoras, artistas e educadoras que foram importantes para essa pesquisa, e o afeto durante os encontros nos humanizou.

No encontro, é necessário estar com o corpo presente, presentificado ao momento vivido e isto vai nos transformando e nos fazendo quem somos. "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher", a clássica afirmação de Simone de Beauvoir (1989, p. 297), traz-nos, por um lado, a construção da feminilidade cuja crítica foi iniciada nos anos 1970; por outro, as violências que os corpos femininos sofrem para essa formação de um ser feminino em uma sociedade patriarcal e machista (Federici 2020). Essas dicotomias foram encontradas ao longo da pesquisa e só foram entendidas na presentificação do corpo, do meu corpo e do corpo das entrevistadas e nesses encontros de corpo presente vamos nos tornando mulher.

Ao mesmo tempo em que libertava o meu corpo e construía uma nova visão de mundo, uma cosmovisão de um ser humano natureza, de uma relação profunda entre vida e morte; as artistas me apresentavam sobre as violências sofridas por elas, o que ressoa em nossas sociedades latino americanas, patriarcais e de políticas nas quais as mulheres são submetidas.

Figura 2 – Pintura da artista Barbara Sosop, de Santiago de Atitlán, Guatemala



Fonte: Foto do acervo pessoal da autora.

Esta é uma imagem de pintura (Figura 2) que estava na parede do ateliê de Bárbara e eu não conseguia desvencilhar o olhar, até que perguntei sobre o que significava aquela imagem e a artista me respondeu:

entonces pinté eso también, porque fue una experiencia, algo real, fue mi prima que sufrió violencia, finalmente murió, y entonces como trabajadora social, comencé a apoyarla, a la intervención social, a derivarla a un psicólogo, empezamos el trabajo, pero no pudo reportarlo a su marido... muchos hombres, no podemos actuar rápidamente con alguien, no podemos cambiar la situación, [...] tenemos que hacer algo más que eso, una acción educativa y sistemática, y es bueno que los hombres lean, porque es necesario que se sientan en esta lucha. Sí, así con ella... y no sé si tú también lo sabes, en Guatemala hubo un año antes, o unos meses antes, un orfanato de niñas donde quemaron a varias niñas. Entonces con ella yo también la estaba apoyando emocionalmente, acompañándola, para... para salir de esta... Bueno, ella también tenía dos hijas y dije: tú tienes que salir de esta situación, tú quieres que tus hijas salgan. ¿Ir a vivir a un orfanato, donde violarlas, quemarlas? ...y ella estaba luchando con eso. Finalmente, no pudo hacerlo, finalmente no pudo hacerlo más (Barbara Sosop, en entrevista el 26 de mayo de 2023).

Barbara é uma artista ativista que vem transformando a sociedade em que vive, fez de uma rua considerada perigosa "zona roja" (zona vermelha) um museu a céu aberto, com murais criados por artistas que ela convidou para fazer parte de

uma campanha de humanização do bairro de Santiago de Atitlán, na Guatemala. Com a colaboração de vizinhas/os e artistas voluntárias/os, empresários locais forneceram comida, hospedagem e material. Hoje, ela é respeitada pela comunidade que a cumprimenta com muita alegria quando passa na rua, hoje visitada por turistas.

Figuras 3, 4, 5 – Fotos no ateliê da artista Barbara Sosop e dois dos murais produzidos no festival de murais promovido pela artista



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com Barbara, aprendi muito sobre o respeito às religiosidades do povo Maia, das lutas, da resistência às violências, da reverência aos anciãos e à ancestralidade, aprendi com a sua simplicidade sobre a riqueza da vida.

como ponto de encontro com o mundo humano e não humano, o corpo tem sido o nosso meio mais poderoso de autoexpressão, assim como o mais vulnerável a abusos. Assim, nosso corpo é testemunha das dores e das alegrias que experimentamos e das lutas que levamos adiante (Federici, 2020, p. 39).

E esses encontros com corpos e corpos em violência foram impactando o meu trajeto de investigação. Além dos Encontros, a pesquisa contou com a *metodologia de Tirar Reisado*, terminologia advinda das falas de Márcia Jucilene do Nascimento e demais professoras quilombolas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em tom de brincadeira que eu levei a sério, ao saberem do meu percurso pela América Latina, diziam que eu ia Tirar Reisado. E quando conheci o significado desse termo, comecei a refletir sobre o que e como iria fazer

pesquisa nesses países e o inclui como parte da minha metodologia. Tirar Reisado é um termo antigo, originário de um evento religioso cristão e usado em uma manifestação popular chamada Reisado, que ocorre no dia 6 de janeiro, remetendo ao cristianismo e ao nascimento de Cristo, os três reis magos vão visitar o menino Jesus.

Figura 6 – Reisado (O Reisado São Francisco existe há vinte anos e é tradicional nas apresentações natalinas no Ceará - Secult CE



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/24/conheca-o-reisado-e-o-pastoril-festejos-natalinos-tradicionais-no-nordeste>. Rodolfo Rodrigo, Brasil de Fato | Recife (PE). Acesso em: 24 de dez. de 2022.

Atualmente, em Conceição das Crioulas não existe o evento do Reisado, mas usam o termo "Tirar Reisado quando as pessoas saem a visitar outras, sem muita pressa". (Márcia Nascimento, em entrevista no dia 25/11/2023)

Você já ouviu falar da expressão **Tirar Reisado**? Quem é do Cariri já deve ter escutado. Quem não é, se me permite a ousadia, eu gostaria de explicar porque tem tudo a ver com o dia de hoje [6 de janeiro]. Tirar reisado, no sentido moderno da expressão, é quando você resolve ocupar o dia visitando familiares, amigos ou mesmo pessoas ou locais desconhecidos, desde que seja para fazer algo longe de casa. Sabe aquele domingo em que a gente vai almoçar na casa dos pais, toma café da tarde na casa de um amigo e ainda vai jantar com outro? Pois é, esse cidadão saiu tirando reisado. (Paulo Henrique Rodrigues, 2022, s/p)

E foi o que eu fiz: Tirei Reisado, fui de país em país, conhecendo suas artistas, professores/as, culturas, lugares, influências culturais, políticas, educacionais e as

lutas de gênero, com um tempo curto (dois meses em cada país) mas sem pressa, tendo a certeza de que devo voltar nesses caminhos de pesquisa para continuar investigando. Esse foi o primeiro passo para novos encontros e nos encontros escutar as gentes; entrevistá-las, estudar imagens criadas por elas em seus trabalhos de artes e nas suas vidas. Sem esquecer dos sabores e cheiros das comidas experimentadas em cada lugar visitado, que me foram oferecidas com o orgulho de considerá-las sempre as melhores do mundo. Comecei a refletir sobre as nossas comidas, para nós, seria a feijoada? o cuscuz e as inúmeras comidas de milho nordestinas? Não sei... fiquei pensando que não temos mais esse prazer de comer, reunimo-nos para comer... será? Essa não é uma prática que faz parte do meu cotidiano, "não tenho mais tempo para isso", esquecendo desse momento de afetos, do encontro com entes queridos, a produção de imagens, memórias de nossa história.

Ao Tirar Reisado ia também caminhando. O caminhar fez parte do meu processo de aprender e de reconhecer as estéticas locais, tornou-se outra metodologia de pesquisa, e foi assim que fui construindo estéticas próprias nesse/desse caminhar. Enquanto Francesco Careri, em sua visão de mundo de arquiteto italiano diz, em seu livro "*Walkscapes*, o caminhar como prática estética", que "Na ação de atravessar o espaço nasce a necessidade natural de mover-se com a finalidade de encontrar alimentos e informações indispensáveis para a própria sobrevivência", eu me movia para conhecer como se faz arte e como se ensina/aprende arte por estes lugares que passei.

Mas para me aproximar dos povos originários, traduzo o caminhar por um termo do povo Guarani: *Dja Guata Porã*, que significa caminhar bem junto, termo que tornou-se título de uma exposição no Rio de Janeiro "*Dja Guata Porã: O rio indígena que desaguou no MAR*"⁵, a qual discute as contradições entre as culturas e o próprio termo arte, trazendo um outro lugar da arte e seu lugar nas exposições a partir das concepções indígenas. Para isso cito Sandra Benites, curadora indígena Guarani da exposição, que diz que para caminhar bem junto devemos

escutar com o corpo, para estarmos juntos os indígenas e os não indígenas têm que escutar o outro com o corpo, sentindo as dores do outro, e nesse processo a educação não está separada da vida e que na forma ocidental de educação é um processo de adoecimento. Se as pessoas não têm o Dja das árvores, dos rios, de todas as coisas, que são os espíritos, e os indígenas fazem o ritual do Dja quando precisam algo da natureza e pedem permissão para utilizá-lo, não tem como viver bem sem respeitar a natureza, daí acontece o adoecimento. "O processo de produção dos objetos se é arte ou artesanato é uma discussão porque para produzir esses objetos têm um conhecimento, mas é considerado uma coisa menor por isso é chamado de artesanato e não arte?", questiona a curadora. Mas, precisamos escutar o outro não só com os ouvidos, mas com todo o corpo e sentir o que o outro sente⁶.

A mensagem que essas mulheres nos deixam sobre escutar com o corpo, não sei até que ponto é compreendida por nós colonizados, mas para caminharmos bem juntos, devemos repensar esse modelo de cosmovisão que nos foi imposta por nossos colonizadores europeus.

Para continuar pensando sobre a nossa relação com a Pachamama, ressaltar a importância dos saberes dos povos originários e as memórias ancestrais, trago a minha homenagem a uma indígena guerreira que desencantou ou ancestralizou a Tuíre Kayapó, no dia 10 de agosto de 2024, uma das maiores lideranças do Brasil. Tuíre (Figura 7) lutou e desafiou políticos e empresários na defesa das florestas diante das violências sofridas contra os povos indígenas. Tuíre é símbolo da resistência indígena no Brasil. E aqui quero render a minha homenagem a uma das maiores ativistas pelos direitos indígenas.

Figura 7 – Daniela Santos - 10/8/2024 – Metr  poles CFEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria⁷



Fonte: <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=9983:morre-a-ativista-pelos-direitos-indigenas-tuire-kayapo-aos-54-anos&catid=584>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Caminhando pela América Latina encontrei pessoas que fazem paisagens com seus corpos, em sua arte e em sua vida, que não deixam de ser uma forma de sobrevivência (figuras 8 a 12). Os corpos se modificam ao caminhar e ao encontrar-se com outros corpos, inclusive o meu, que foi se transformando durante as caminhadas neste período de um pouco mais de um ano.

Figura 8 – Bodypaint, de Roxy Chali, artista visual de Guatemala



Fonte: Acervo da artista.

Figuras 9 e 10 – Bodypaint, de Roxy Chali, artista visual de Guatemala



Fonte: Acervo da artista.

Figuras 11 e 12 – Bodypaint, de Roxy Chali, artista visual, de Guatemala



Fonte: Acervo da artista.

Salgo a caminar por la cintura cósmica del sur
Piso en la región más vegetal del tempo e de la luz
Siento al caminar toda la piel de América en mi piel
Y anda en mi sangre un río que libera
en mi voz su caudal.
("Canción con todos", interpretada por Mercedes Sosa)

Caminhando pelos países que passei, encontrei: violências de gênero, violências políticas e catástrofes por causa dos terremotos e maremotos, pois as placas tectônicas que se movem e provocam sismos e mortes nessa região trazem outra relação entre vida e morte. Para as artistas investigadas, mostrar isso em seus trabalhos é uma forma de resistência:

Resistir no para destruir, sino para construir, digo yo. Esa es la postura y praxis por la cual lucho – para la cual algunos luchamos – una resistencia ética, crítica y digna, en contra del autoritarismo de los regímenes externos e internos de control y poder, y para defender la Universidad (lxs estudiantes, docentes y empleadxs, y el pensamiento crítico y plural) proponiendo su reconstrucción participativa y democrática desde adentro. Una postura praxista difícil de encaminar cuando la base de sustento y las paredes de esta casa de estudios – que ha sido mi hogar-lugar del hacer y sentir-pensar-actuar-pedagogizar durante prácticamente 20 años de mi vida – empiezan a desmoronarse y colapsar. Grito, pero a veces no sale nada de la boca. Es un grito atascado al pecho. Un 'grito' que si hace vibrar (Walsh, 2017, p. 19).

As tensões culturais são fortes em relação às mulheres, artistas e professoras. Na Universidade de Tolima, na Colômbia, duas artistas/professoras de artes visuais foram demitidas com justificativa de crise financeira...

Econoticias conoció que se trataba de Lilian Rocío García, licenciada de artes visuales, quien fue despedida de la Universidad del Tolima como parte de los recortes que se han tenido que hacer de personal en la restructuración que busca superar la crisis financiera en la cual se encuentra la institución desde el 2015 (15 Jul 2018 - 11:10 COT por Ecos del Combeima).

Sendo assim, Lilian Rocío García realizou uma performance (figuras 13 e 14) na praça pública Manuel Murillo Toro, Ibagué, Tolima, na Colômbia, em como ato de protesto por sua demissão, fazendo uma performance e body art, chamando atenção dos transeuntes sobre sua incapacidade e a injusta demissão.

Figuras 13 e 14 – Performance da professora de Artes Visuais da Universidad de Tolima e artista visual Lilian Rocío García, de Colombia



Fonte: Acervo da artista.

Me siento inconforme por el despido laboral que me hicieron el 9 de julio sustentado en una carta que hace mención a la crisis económica de la Universidad además de la condición que tenía de libre nombramiento y remoción en calidad de directora de programa, tomé la decisión de hacer esta protesta a través del performance y body art”, indicó la profesora. (em entrevista ao periódico Ecos del Combeima, no dia 15 de julho de 2018)⁸.

A professora de Artes Visuais da Universidad de Tolima, Lilian Rocío García, tem uma luxação bilateral dos quadris e três hérnias de disco na coluna, por qual padece desde que nasceu e tem incapacidade para o trabalho certificada. Sem comprovação convincente, duas artistas críticas e professoras de Artes comprometidas foram as primeiras a serem demitidas por condições orçamentárias.

Respecto a las víctimas podemos decir que los artistas no pueden afirmar ni negar su extinción o su existencia, teniendo en cuenta que no las conocieron directamente; únicamente pueden apelar a las huellas materiales o testimoniales que permiten alcanzar un acercamiento a su presencia. En las estrategias creativas que emplean los artistas recurren a diversas memorias (propias, de los sobrevivientes) o archivos (impresos, fotográficos, fonográficos) con la finalidad de hacer al desaparecido aparecer;

Figuras 15, 16, 17 e 18 – Frames do vídeo “Nuestras Voces”, documental ficcional de Ch’umilkaj Nicho, artista Maia de Comalapa, Guatemala



Fonte: Vídeo Nuestras Voces, www.ch'umilkaj.com

Figura 19 – Apresentação do vídeo "Nuestra voces", de Ch'umilkaj Nicho



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ch'umilkaj Nicho, artista, ativista, luta por justiça por meio de sua arte, suas músicas, fazendo questão em cantá-las em seu idioma Maia Kaqchikel. Produziu um documentário sobre os desaparecidos em guerrilhas na Guatemala e o leva às escolas para discutir com os/as estudantes e docentes (figuras 15 a 19).

Além disso, suas músicas tratam de temas da tradição Maia, como por exemplo os temas da importância, ensinamentos das avós, das mulheres, da cultura do milho e suas comidas como alma cultural, entre outros temas. Ch'umilkaj é professora e artista empenhada em difundir a sua cultura e mostrar que está muito viva e latente.

es decir, de resituar a la víctima 'ausente en el lugar mismo del monumento conmemorativo, volviendo al lugar vacío marcado por su nombre' (Derrida, 2005: 188), haciendo de su trágico tránsito por la vida como una especie de re-existencia y un desentrañamiento de su interioridad por medio de las configuraciones artísticas (Tesis de Jaime Ruiz Solorzano, 2023, p. 170).

Figura 20 – Hierbas de sal y tierra, da artista colombiana Libia Posada, 2012



Fonte: <https://www.artnexus.com/en/fundacion-artnexus-exhibition-women/obras-artista/5f%204d2fc300f7b8db1f34806e/5f53a92a94d67c65714e51dc>. Acesso em: 5 ago 2024.

La artista Libia Posada mostró una serie de fotografías con el título de '*Signos cardinales*' (2009-2010) en la versión del 13 Salón Regional de Artistas⁹. Después de haber explorado esta temática y figuración desde el año 2007, gestiona la participación de una docena de mujeres desplazadas con el fin de realizar inicialmente una acción performática,

Figura 22 – Victoria Cumez, diseñadora comalapense e Vitória Amaral (acervo da autora)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O que me proporcionou esse caminhar foi um projeto de pesquisa intitulado "Arte/educação contemporânea. Pedagogia do Imaginário e Feminismos para a Formação de Professores de Artes Visuais", aprovado pelo CNPq em 2021, a ser realizado em um período de 2022 a 2025 e me tornou a primeira Pesquisadora Produtividade (PQ2) do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB (PPGAV-UFPE/UFPB). E com este caminhar, seguir pensando em um corpo mais saudável e buscando amigas, amigues e amigos da América Latina, enviei para um Pós-Doutorado de um ano para a liberação da minha universidade. Com este projeto me comprometi a realizar a pesquisa em universidades, em comunidades, em museus, galerias, nas ruas, às vezes voando, mirando as paisagens a partir do céu, outras vezes da terra, em trens ou águas. Estas, então, especiais, mágicas, lagos como Atalaia, em Guatemala, e Titicaca, em Peru, foram águas que me inspiraram a viver diferente, a amar diferente, a entender mais as

diferenças e a força das mulheres que sustentam as suas famílias com arte, seja tecendo suas roupas, cantando, tocando, pintando os corpos de outras mulheres, fazendo murais, reivindicando justiça, lutando contra as políticas tão devastadoras que temos em nossa América Latina.

Em Colômbia, na Universidad Surcolombiana/Colômbia, nos museus, galerias, em Neiva, Ibagué/Tolima, Bogotá, Cartagena. Rocío Polanía foi a minha tutora, foi uma pessoa importante por abrir as portas da Universidad Surcolombiana para mim. A minha querida Rocío Polanía partiu antes de poder me acompanhar, infelizmente adoeceu e desencantou, sem que eu pudesse vê-la ao chegar na Universidade Colombiana. E foi quase um mês que passei em suspenso, esperando a sua recuperação. Seu carinho, sua delicadeza, amor à sua universidade e à cidade de Neiva foi algo que me afetou imensamente.

Dia 03/02 - Cheguei em Neiva, depois de passar por Bogotá, às 16 horas. Rocío me chamou e disse que não poderia ir e quem iria me buscar no aeroporto seria Catherine Calderón Vargas, secretária da Maestría de Artes da Universidad Surcolombiana. Ela mora com sua mãe, Gladys Vargas, que também trabalha na Universidad Surcolombiana, é secretária da Maestría en Educación, e seu pai, Gilberto Calderón. Uma família especial, que me acolheu com todo amor e carinho. Dia 03/02 - me llamó y me dijo: *Hola Victoria, espero que hayas tenido un buen viaje. Me hubiera gustado ir a recogerte, pero Cathe tuvo que hablarle contando que ha estado con quebrantos de salud. Ya está todo listo para que el profesor Jaime te vaya a atender mientras me reintegro al trabajo.*

Jaime Ruiz Solorzano, amigo e companheiro de trabalho de Rocío, tornou-se também um grande amigo e foi assumindo as obrigações da universidade que antes eram de Rocío. Foi a pessoa que me orientou apresentando professoras e artistas colombianas e pesquisando as violências políticas no país e como essas são simbolizadas nos trabalhos das artistas, feliz conexão com a minha pesquisa.

Na Guatemala, com Ethel Barthes, a partir do Programa Viva a Música, do qual é responsável, listou-me nomes de artistas de toda Guatemala e comunidades como Comalapa, um encontro especial com a cantautora Ch'umilkaj Nicho (figuras 23 a 25). Ela, então, encarnou Exu (mesmo sem saber do que se tratava), abrindo

as portas da arte de sua comunidade, apresentou-me um número enorme de tecedoras, cantoras/cantores e artistas visuais. Ch'umilkaj tem reconhecimento mundial e muito respeitada na Guatemala, principalmente entre as comunidades indígenas. Além disso, ela é uma ativista, luta pelos direitos dos povos indígenas e pela justiça social, trabalhando com audiovisual, documentários e ficções, falando com seus ancestrais e cantando em seu idioma Kaqchikel.

Figura 23 – Ch'umilkaj Nicho e sua irmã Xochilt Curruchiche (frente); Gabriela Escobar Urrutia (investigadora, professora e antropóloga em Ciências Sociais Humanistas, na Universidad Rafael Landívar, Ciudad de Guatemala) e Vitória Amaral



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 24 – O professor de Educação Musical, o Maestro Sergio López levou um grupo de estudantes de Licenciatura em Educação, da Universidad Regional de Guatemala, de San Pedro Sacatepéquez, San Marcos à Ciudad de Guatemala para formação Musical com Ethel Barthes e outros professores do Projeto “Viva a la Música”



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 25 – Karen López, Sandra Ambrosio, Genoveva Miranda, Heyde Méndez e Vitória Amaral



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No Equador, conectada com a Universidad Laica Eloy Alfaro de Manabí por meio de convite do professor tutor Francisco Mendes Moreira, da Faculdade de Educação e muito atuante na universidade em várias frentes, comprometido com a educação de Manta-Ecuador dá aulas em várias cidades de Equador e avalia as universidades públicas, além de ser Pró-Reitor de pesquisa. No mapeamento da rede, que iniciou com Francisco, eu tive um encontro com “*Proyecto Transgénero: cuerpos distintos derechos iguales*”, um grupo de pessoas que oferece assessoria legal itinerante, ativismo, Pedagogia sexogenérica, formação política, fortalecimento comunitário e estudos sobre as comunidades transgéneros (figuras 26 e 27). Trabalham desde o transfeminismo, a interculturalidade e o uso alternativo dos direitos, a partir dos seguintes programas: “Pacto Trans; Casa Trans; Patrulla Legal; Puente Solidario; marcha de las putas Ec; e Salud en cuerpos distintos”.

Somos una organización sin fines de lucro con sede en Quito, que trabaja por la igualdad entre mujeres, hombres y personas de diversa condición sexo-genérica y por el fortalecimiento del tejido asociativo trans en Ecuador a través de estrategias políticas socioculturales, comunitarias y legales (objetivo del Proyecto Transgénero: cuerpos distintos, derechos iguales, Ecuador).

Figuras 26 e 27 – Proyecto Transgénero: cuerpos distintos derechos iguales, Quito, Ecuador





Fonte: Acervo pessoal da autora.

No Peru, na Escuela Superior Autónoma de Bellas Artes de Peru sob a tutoria de Mario Mogrovejo, conheci artistas de todo Perú além das universidades de arte de Lima, Arequipa e Cusco; com o desejo de estabelecer e/ou consolidar intercâmbios científicos a partir desses encontros. Peru: Lima, Arequipa e Cusco, e em todas essas cidades as artistas mostram as dores das violências de gênero e dos massacres políticos. Aqui apresento neste texto uma parte dos registros obtidos na Colômbia, na Guatemala e no Equador, que correspondem a apresentação do Encontro Internacional de Arte/Educação: Grupo de Pesquisa enREDE, no Instituto de Arte da UNESP, os demais registros serão apresentados em um livro que será publicado posteriormente. No período de novembro de 2023 a março de 2024 fui ao Chile, sob a tutoria de Patrícia Raquimán e à Argentina com Gabriela Augustowsky, o que será apresentado futuramente.

A partir dos caminhos percorridos, quero colaborar com o fortalecimento da pesquisa no campo das Artes Visuais e da Arte/Educação, fundamentada, também, pelos estudos do Imaginário e de gênero, temáticas importantes para a atualidade. Com a compreensão de cada um desses locais de pesquisa com suas culturas distintas e sob uma outra cosmovisão, procurei encontrar as especificidades de artistas mulheres e arte/educadoras nesses países. Busquei também a história da arte e da arte/educação brasileira, pernambucana e contemporânea, entendendo como uma

postura política de fortalecimento dos laços com as/os companheiras/os da América Latina, contribuindo, assim, com as trocas de conhecimentos e compartilhamentos com as instituições anfitriãs, oferecendo e participando de palestras, oficinas, cursos e encontros para a discussão do ensino da arte, arte/educação e as questões de gênero, pautada na Pedagogia do Imaginário.

Notas

- ¹ *Red Iberoamericana de Imaginários e Representaciones* do qual faço parte e fui fundadora em 2016 em Bogotá.
- ² Grupo Internacional criado por quatro grupos de universidades em quatro países diferentes: Brasil, formado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Borrando Fronteiras, do qual eu faço parte; Argentina, Portugal e Espanha.
- ³ <https://www.youtube.com> Nêgo Bispo: Vida, Memória e aprendizado quilombola, Itaú Cultural, 15 de março de 2021.
https://www.google.com/search?sca_esv=83d4d981e1094711&sca_upv=1&rlz=1C5CHFA_enBR1105BR1108&q=nego+bispo&tbm=vid&source=lnms&fbs=AEQNm0AuaLfhdrtx2b9ODfK0pnmiHHF5vd9W8Eha8SyWsjz9W7joqWS7Vo0KHylsu8GrrFJvc9leADUfknCLtHjs5yAO84sopHYo552KxJkQTJh9nXtdiBhTQxgJAfQxiyvgjV7OfjrUBBGZP_MOiA9hWEGN6ztYvFlSJlHnRKsHd9eeDz2xABZWfthADROQu-o2bRx5x4Wng5f62i-IFvAwYQueOjOaQ&sa=X&ved=2ahUKEwjVmcbYxfGHAX6FbkGHUSRCuwQ0pQJegQIDhAB&biw=1470&bih=833&dpr=2#fpstate=ive&vld=cid:6e4e244b,vid:gLo9ZNdgJxw,st:0
- ⁴ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.
- ⁵ Exposição Dja Guata Porã: Rio de Janeiro Indígena, inaugurada em maio de 2017 no Museu de Arte do Rio (MAR), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Com curadoria partilhada teve início com Clarissa Diniz a José Ribamar Bessa Freire, Pablo Lafuente e Sandra Benites para participarem do projeto. Com a participação dos moradores da Aldeia Vertical e os Guarani aldeados, através de Sandra Benites. Em seguida, o pesquisador Marcelo Campos, que havia defendido uma tese a respeito dos Puri, nos auxiliou a estabelecer um diálogo com estes. Através da jornalista Thereza Dantas, que escreveu uma reportagem sobre os Pataxó vivendo na Costa Verde do Rio de Janeiro (Dantas, 2016), os contatamos. Por último, iniciamos o contato com o Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré (Cesac) e a Aldeia Resiste por intermédio do Fernando Tupinambá.
- ⁶ Memórias Ancestrais: escutar com o corpo, Sandra Benites. www.youtube.com Selvagem ciclo de estudos sobre a vida, 06 de junho de 2023. Disponível em: https://www.google.com/search?q=sandra+benites+dja+guata+por%C3%A3&sca_esv=78370a10a4e1ca6f&sca_upv=1&rlz=1C5CHFA_enBR1105BR1108&biw=1470&bih=833&tbm=vid&ei=PLq5ZviRMMCe5OUP2fPNyA0&ved=0ahUKEwj4n4jQ9-6HAXVAD7kGHdl5E9kQ4dUDCA0&uact=5&oq=sandra+benites+dja+guata+por%C3%A3&gs_lp=Eg1nd3Mtd2l6LXZpZGVvIh5zYW5kcmEgYmVuaXRlcyBkamEgZ3VhdGEgcG9ydw6MyCBAAGIAEGK IEMggQABiABBiBDIIeAAYgAQYogQyCBAAGIAEGKIEMggQABiABBiBEiET1D1BljnHnAAeA CQAQCYAZoCoAH8C6oBBTAuMy40uAEDyAEA-AEBmAlGoALJCSiCChAhGKABGMMEGAq YAwCIBGGSBwUwLjluNKAHwRc&scient=gws-wiz-video#fpstate=ive&vld=cid:9a379bbc,vid:7egSmOGKEH0,st:0. Acesso em: 02 nov. 2023.

- ⁷ Morre a ativista pelos direitos indígenas Tuíre Kayapó, aos 54 anos: A ativista indígena Tuíre Kayapó enfrentava um câncer no colo do útero e morreu neste sábado (10/8), Daniela Santos - 10/8/2024 - Metrôpoles. <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/cfemea/nossa-historia?view=article&id=9983:morre-a-ativista-pelos-direitos-indigenas-tuire-kayapo-aos-54-anos&catid=584>
- ⁸ Tomé la decisión de hacer esta protesta a través del performance y body art por mi despido de la UT: Lilian Rocío García - Ibagué, Tolima, Colombia. 15 Jul 2018 - 11:10 COT por Ecos del Combeima. <http://nuevo.ecosdelcombeima.com/ibague/nota-129397-tome-la-decision-de-hacer-e-sta-protesta-traves-del-performance-y-body-art-por-mi>
- ⁹ 13 Salones Regionales de Artistas, Región Centro Occidente, Proyecto de investigación curatorial MICROMacro, antigua estación del tren en Armenia, Quindío, 2009.
- ¹⁰ Ver série fotográfica em <https://www.banrepcultural.org/coleccion-de-arte/obra/signos-cardinales-ap4843>

Referências

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2013.

ESCOBAR, Arturo. Desde abajo, por la izquierda y cin la Tierra. *El País*, 17 de enero 2016. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2016/01/17/contrapuntos/1453037037_145303.html. Acesso em: 10 maio 2023.

ESCOBAR, Arturo. *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. Impresso por Samava Impressiones, Popayán, Colombia, 2010.

FEDERICI, Silvia. *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Elefante, 2023.

FREIRE, Paulo; MYLES, Horton. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

MANNARINO, Ama. *Dja Guata Porã: o outro ocupa o museu*. Escola de Belas Artes / UFRJ, Anais do XXXVIII Congresso do CBHA, p. 460-473, 2019.

PACHECO, Daniel Grecco. *Popol Vuh – o esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhlemallan: aurora sangrenta, história e mito*. Tradução crítica e notas Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

PICQ, Manuela Lavinas. *Soberanías Vernáculas: mujeres indígenas desafían la política global*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo, 2023.

RODRIGUES, Paulo Henrique. Hoje é dia de tirar reisado no Cariri. 06 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colaboradores/hoje-e-dia-de-tirar-reisado-no-cariri-1.3178030>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2008.

VIEIRA, Mariane Aparecida de Nascimento. Dja Guata Porã: o rio indígena que desaguou no MAR. Dja Guata Porã: the indigenous river that flowed into the MAR. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Horizonte antropológico*, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 227-256, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000100009>. Acesso em: 20 ago. 2024.

WALSH, Catherine. *Agrietar la uni-versidad: reflexiones interculturales y decoloniales por/para la vida*. Querétaro, México: Universidad Pedagógica Nacional, Unidad 22A Qro y Lengua de Gato Ediciones, 2023.

Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPE/UFPB). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, pela UFPE. Pós-doutora em Arte/Educação e Feminismo pelo Instituto de Investigaciones Feministas da Universidad Complutense de Madrid. Doutora em Arte/Educação pela Universidade de São Paulo, orientada por Ana Mae Barbosa; Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisas sobre educação em artes visuais, com ênfase nas imagens, na teoria antropológica do imaginário e nas dissidências na arte. É líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, juntamente com a vice-líder e criadora a Profa. Danielle P. Rocha Pitta (criado em 1992 na UFPE), com integrantes nacionais e internacionais. É integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte/Educação Borrando Fronteiras. Faz parte da Diretoria do Consejo Latinoamericano de Educación por el Arte (CLEA), da Red de Iberoamericana de Imaginarios y Representaciones (RIIR) e foi Presidente da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb, 2012-2013). E por essa atuação nacional e internacional tem auxiliado o programa nas articulações internacionais para o estabelecimento de convênios e parcerias, tais como o Convênio entre o PPGAV UFPB/UFPE e a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal (em vigor) e o Doutorado en Arte y Patrimonio da Facultad de Bellas Artes da Universidad de Sevilla (em vigor). Sua produção tem sido publicada em formato de artigos em periódicos nacionais e/ou internacionais e em anais de eventos nacionais e/ou internacionais. Organizou um livro, com a Profa. Dra. Ana Mae Barbosa, uma referência em História do Ensino de Arte: "Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação" (2019). Atualmente é coeditora da Revista Cartema do PPGAV. Tem orientado pesquisas sobre feminismos, gênero, masculinidades, diásporas e questões sociais. Atualmente, em 2023, fazendo um pós-doutorado sobre artsitas mulheres, feminismos, violência na América Latina: Colômbia (Universidad Surcolombiana); Guatemala (Programa Viva a Música); Equador (Universidad Laica Eloy Alfaro de Manabí); Peru (Escuela Superior Autónoma de Bellas Artes de Perú), Chile (Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación) e Argentina (Universidad Nacional de las Artes).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7923-1906>

E-mail: vitorianegreirosamaral@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3317479462307817>

Recebido em 03 de agosto de 2024

Aceito em 30 de outubro de 2024

